

## O Podomorfismo na Arte Rupestre da fachada Atlântica, que significado?

Nuno Ribeiro<sup>1 e 2</sup>, Anabela Joaquineto<sup>1 e 2</sup>, Sérgio Pereira<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** Simbolismo, tipologias, rotas, viagens, orientação astronómica, período orientalizante

A ideia de construir um modelo de interpretação sobre uma temática apaixonante como é a representação de *vestigia pedis*, habitualmente conhecidos por podomorfos na fachada atlântica surge na sequência de um trabalho de inventário e estudo nos últimos 12 anos na área das bacias hidrográfica dos Rios Ceira e Alva, afluentes do Rio Mondego e a Sul deste. Num âmbito de uma tese de doutoramento, que teve como alvo, a arte rupestre desta região. Resultando também na criação de um pequeno centro de interpretação de arte rupestre em Vide (Seia), inaugurado em Maio de 2008 pela Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica e pela Junta de Freguesia de Vide (Seia).

Os podomorfos são uma das iconografias mais vulgares no contexto da arte rupestre dos Vales dos

Rios Ceira e Alva, existindo representações com vários subtipos e de vários períodos. Em primeiro lugar refira-se que o presente artigo, debruça-se apenas sobre gravuras que têm a forma de pé, portanto com uma curvatura no seu interior. Gravadas num suporte pétreo, obtidas por martelagem, incisão ou abrasão. Afastando-se a representação de círculos oblongos, e círculos oblongos segmentados, que também poderão segundo alguns autores ser representações de podomorfos.

Com o trabalho de inventário e de observação em mais de 700 lajes gravadas, realizou-se um quadro tipológico que acreditamos, se possa aplicar ao estudo de outras áreas e concentrações de arte rupestre portuguesas.

Quadro I - Tipologia dos Podomorfos existentes na região dos Rios Ceira e Alva – Portugal										
Descalços		Podomorfos martelados		Podomorfos sem decoração		Sandália	Com fossete	Com sola e fossetes	Com apêndice	Com decoração interior e espinha
Com decoração interior	Sem decoração	Sem sola	Com sola	Sem sola	Com sola					
										

1 – Arqueólogos da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica (Portugal)

APIA – Rua Maximina n.º13 – 2300 –251 - Serra Tomar, Portugal

2 – Doutorandos em Pré-História e História Antiga nas Universidades: “Autónoma de Lisboa” e de Salamanca  
nuno.ribeiro@apia.pt; anabela.joaquineto@apia.pt; sergio.pereira@apia.pt

Com a apresentação desta comunicação pretende-se também fazer uma análise e uma retrospectiva sobre o que se conhece sobre o fenómeno da representação de

“podomorfos”, tipologias conhecidas em Portugal e fazer uma pequena análise da sua distribuição geográfica.

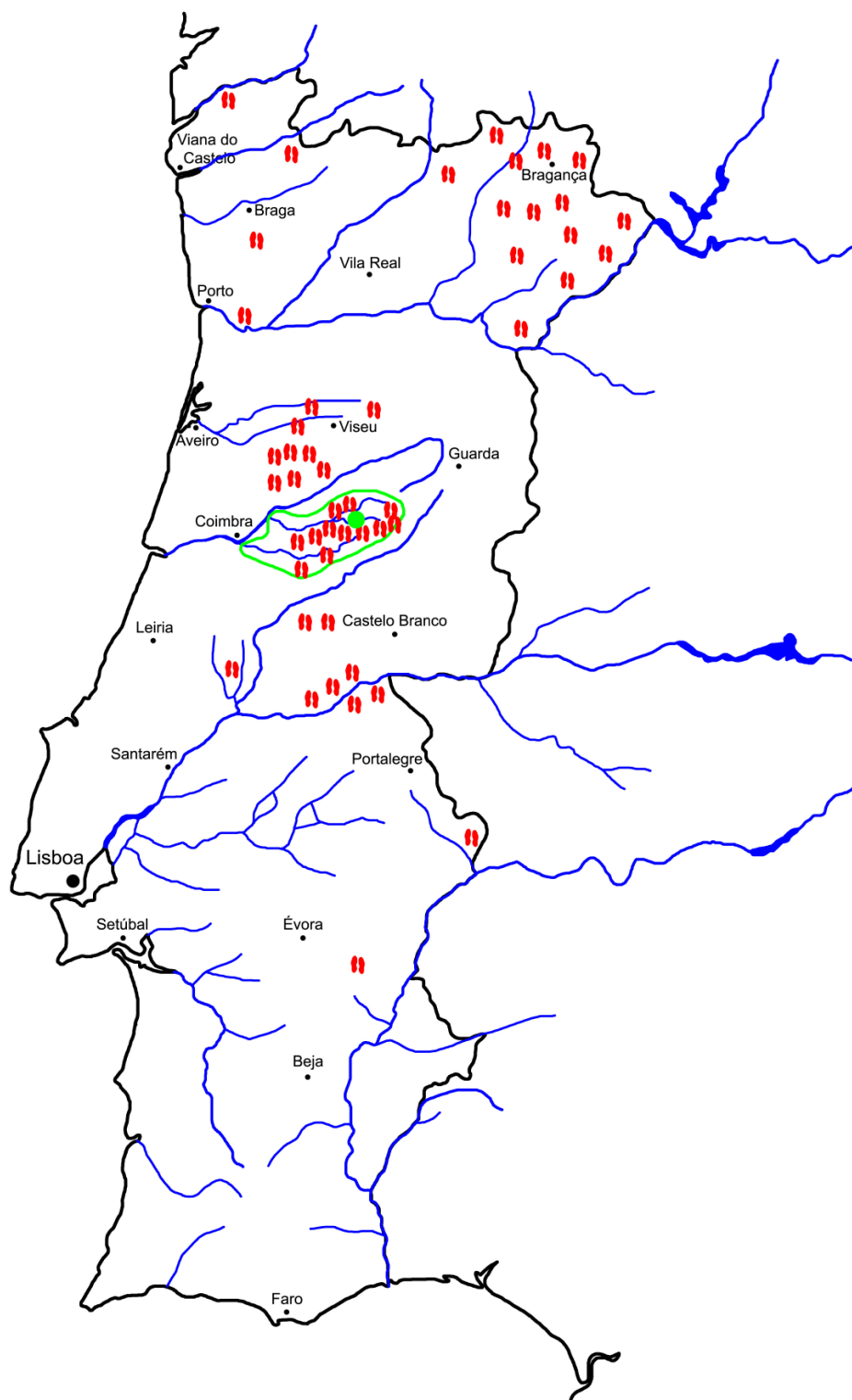


Figura 1 - Distribuição do fenómeno podomórfico em Portugal.

- - Bacias Hidrográficas dos Rios Ceira e Alva
- - Localização da área de Vide
- - Localização de sítios de Are Rupestre com podomorfos

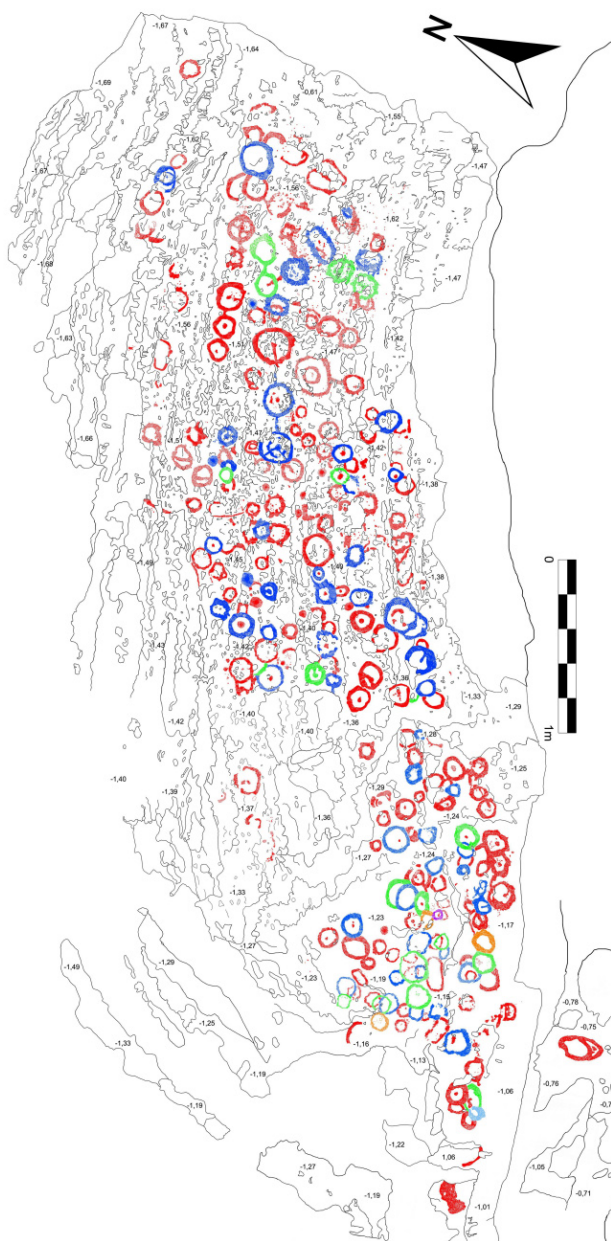
Foram analisadas em pormenor, duas das maiores concentrações com este tipo de motivos de arte rupestre, e abordar-se-á vários aspectos como suas relações: com rotas antigas peninsulares – terrestres/ fluviais e peregrinações ou viagens, orientação astronómica, factores antropológicos e etnográficos. Destacar-se-á ainda alguns monumentos de cariz orientalizante associados ao fenómeno, suas implicações culturais e arqueológicas.

O fenómeno podomórfico encontra-se sobretudo localizado nas áreas da bacia do Tejo/Zêzere/Ocreza, junto dos cursos de água e próximo de áreas de passagem caso de Vila Velha de Ródão. Trás-os-

Montes, Beiras e alguns afluentes do Rio Mondego, destacando-se as bacias hidrográficas dos Rios Alva e Zêzere. Nestes as localizações principais das lajes gravadas com podomorfos encontram-se por vezes isoladas, em geral com muitas gravuras, dominando cursos de água, normalmente a meia encosta ou numa cumeada próximo de uma via antiga.

Os podomorfos aparecem por vezes associados a círculos, mas correspondendo a um momento de gravação posterior a estes, caso das áreas da bacia hidrográfica do rio Zêzere e Tejo (áreas do Pereiro em Sobral de São Miguel – Covilhã) e Serra do Cabeço Rainha (Sertã/ Oleiros), ver laje 40 do inventário do parque eólico do Cabeço Rainha.

Figura 2 - Laje 40, Cabeço Rainha (Sertã/Oleiros).



A realização de um trabalho de inventário e estudo iconográfico desenvolveu-se numa primeira fase à escala regional, com base no inventário das bacias hidrográficas dos rios Alva, Ceira e áreas de fronteira com a bacia hidrográfica do rio Zêzere; pretende-se num futuro próximo alargá-lo, à escala nacional.

Na metodologia aplicada aos trabalhos de campo, realizaram-se pesquisas bibliográficas como levantamento de lendas e tradições. Efectuaram-se prospecções arqueológicas e aplicou-se em cada laje gravada, um conjunto de metodologias, desde o seu levantamento: através de decalque directo, utilizando-se para o efeito técnicas não destrutivas: como limpeza das lajes gravadas com auxílio de espátulas de madeira, e escovas macias. Efectuando-se o decalque directo num acetato, através de canetas de acetato com várias espessuras; utilizando-se ainda um grupo de cores para descrever as várias sobreposições caso existissem. Seguindo-se o tratamento e digitalização dos levantamentos através de uma máquina plotter e tratamento informático.

Ainda durante o trabalho de campo, efectuou-se a leitura da paisagem envolvente. Registrando-se também a orientação de cada gravura. Realizou-se a descrição do suporte geológico e sua orientação astronómica. Realizaram-se ainda outros estudos multidisciplinares de arqueologia da paisagem e arqueoastronomia<sup>1</sup>, determinando-se a orientação do sítio arqueológico de arte rupestre através da:

- Determinação do declive máximo e do azimute em cada local
- Produção de perfis da distância ao horizonte e da altura do horizonte, sem os efeitos da obstrução pela vegetação, ou por nuvens, nevoeiro ou neblina
- Determinação de possíveis marcas no horizonte
- Direcção do pico visível mais elevado
- Direcção da linha de água mais próxima
- Orientação dos podomorfos
- Orientação na paisagem, a partir de um Modelo Digital do Terreno da região (40 x 40 km, com grelha de 25 metros) e da localização precisa por DGPS de cada sítio arqueológico
- Realizando-se a determinação “objectiva” de possíveis marcas no horizonte para cada laje obtendo-se:
  - Mínimos e máximos locais obtidos por diferenciação numérica numa janela deslizante de 2°.
  - Filtro baseado na média de uma janela de 8° +/- 1 desvio padrão.
  - Apenas foram consideradas marcas a uma distância superior a 150 metros.
- Desenvolvimento de software GIS por um membro da equipa<sup>2</sup> visando a reconstituição do horizonte observado a partir de qualquer local.

Assim apenas como exemplos, de algumas áreas estudadas (PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A. & TIRAPICOS, L., 2011,1-5) nas bacias hidrográficas dos Rios Ceira e Alva – Pereiro (Covilhã), Serra do Açor (Arganil), Serra da Abuceira (Covilhã) e Sobral de São Miguel (Covilhã), regista-se que a orientação da maior parte dos podomorfos têm uma:

- Orientação de podomorfos NW-SE
- Horizonte direccionado para SE
- Lajes orientadas para SE
- O horizonte observado marca provavelmente o pôr do Sol na altura do solstício de Verão.

- Estas orientações revelam provavelmente ainda um interesse crescente da Lua Cheia em torno do solstício de Verão.

Sobre a sua localização é de referir que na amostra estudada, existem grandes concentrações de lajes gravadas com este tipo de motivos em áreas de interflúvios ao longo de linhas de cumeada, exemplo Serra da Lousã/Açor/Pedras Lavradas/Serra da Alvoaça (Distritos de Coimbra, Guarda e Castelo Branco) ligada à Serra da Cebola até ao Zêzere passando pela Serra do Chiqueiro (Pampilhosa da Serra). Estes locais são assim também rotas naturais de passagem e terão tido desde sempre um papel importante para a circulação de animais e pessoas. Limitando provavelmente nalguns casos não só realidades geológicas, mas também provavelmente culturais. Marcam ainda hoje as fronteiras naturais e políticas de concelhos e regiões. Podemos ainda observar vestígios de várias épocas como: a existência de centenas de lajes gravadas, associadas a monumentos funerários, a abrigos de pastores, a via antigas, onde se observam os sulcos de rodados que nalguns casos terão chegado até á primeira metade do século XX. Estas antigas rotas e caminhos foram designadas pela população, por exemplo na área da Serra da Lousã/ Açor/Sobral de São Miguel e Casegas (Covilhã) por: “A Rota do Sal ou Estrada Real” até ao século XX. Percebe-se então que o relevo, fez a cultura, o Homem adaptou-se ao meio. As rotas naturais são sobrepostas pelas rotas de pastores que se deslocavam do Alentejo e Cáceres em direcção ao grande maço central. E a estas juntam-se comerciantes e todos os que queriam se deslocar de uma forma rápida de sul para norte, ou vice-versa. Estas antigas rotas provavelmente faziam parte da antiga rota da prata, ligando as beiras ao sudoeste peninsular, passando pelo Tejo (Vila Velha do Ródão) com ligação à bacia do Sever.

No registo arqueológico da região existem assim vestígios deste importante mosaico cultural que se estende desde a Pré-história, passando pela época Romana até aos nossos dias. Veja-se por exemplo um exemplo dessas influências que se fizeram sentir numa dessas áreas já em época romana, caso do culto de *ILURBEDA* com presença em inscrições associadas à mineração, em Cáceres e em Góis. Numa área de cumeada e de cruzamento de rotas (Fig.3) uma delas vinda do Zêzere através de Pedrogão Grande, no sentido



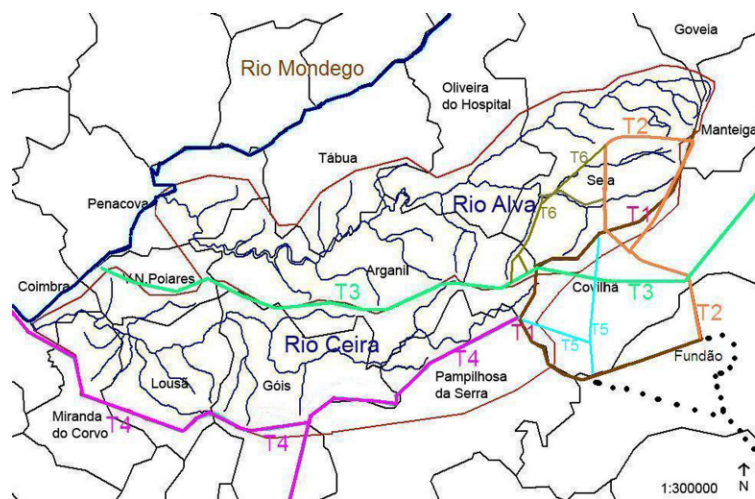


Figura 3 - Rotas naturais/antigas das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva.

Legenda - T1 - Rota Fundão - Chiqueiro - Cebola - Pedras Lavradas - Alvoaça  
 T2 - Rota descrita por Orlando Ribeiro 1940-41: 253 Fundão/Tortosendo/Loriga/Sabugueiro/Seia/S.Romão/Valezim/Alvoco/Unhais/Tortosendo  
 T3 - Rota do "Sal"/"Estrada Real" - Serra do Açor/Gondufo/Pedras Lavradas/Abuceira/Ferro  
 T4 - Outras Rotas vindas do litoral e do Zézere em direcção à Serra da Cebola  
 T5 - Rota Zézere em direcção a Casegas e daqui, para Sobral de São Miguel e Serra da Abuceira/Serra da Alvoaça  
 T6 - Rotas Aldeia de Vide para Serra do Açor e Vide para Lomba da Geia, Malhada Grande, Cabeça, Loriga e Vide/ S.Romão

norte/sul, com ligação à rota este/oeste "Estrada Real ou Via do Sal" anteriormente referida. Passando pela linha de cumeeada próxima do sítio de arte rupestre da "Pedra Letreira", refira-se ainda que estes locais estão também associadas a rotas de transumância até ao século XIX. Estas rotas estão associadas ao principal núcleo de arte rupestre da área de Góis, onde também surgem podomorfos. As rotas naturais tiveram assim um papel importante e decisivo para a escolha dos locais e das lajes onde iriam gravar. Parece assim também existirem nalguns casos uma ligação entre representação podomórfica, mineração e antigos caminhos. Facto apoiado pela recolha de artefactos ligados à actividade mineira, junto de sítios de arte rupestre como: cunhas de mineração recolhidas nos sítios da "Rasa dos Mouros" (Teixeira.Seia), "Pedra Letreira" (Góis), e área do Vale das Figueiras (Seia). Neste caso associado a um molde de granito de argolas.

Estes sítios encontram-se quase sempre associados à proximidade de cursos de água, podendo indiciar a existência de "santuários", segundo alguns autores. Exemplo de um sítio de arte rupestre da área do Açor, (sítio n.º 239 do inventário geral CIARV) e vários outros sítios de arte rupestre na área do Pereiro (Sobral de São Miguel-Covilhã), onde destacamos os podomorfos associados a um círculos oblongos segmentados a

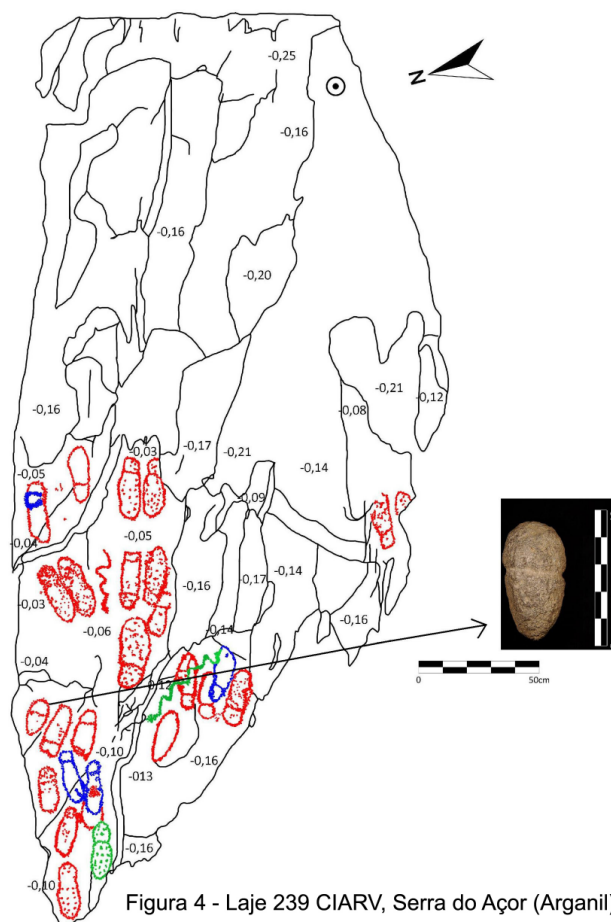


Figura 4 - Laje 239 CIARV, Serra do Açor (Arganil).

meio, possíveis representações de martelos associados à mineração (Fig. 4).

A prospeção arqueológica da área envolvente de vários sítios de arte rupestre com podomorfos gravados, resultou também na recolha de possíveis adornos em xisto, sobretudo discos perfurados ao meio, exemplo na área do Outeiro dos Bardos (Piódão-Arganil) e Carambola (Pampilhosa da Serra-Fajão). Seriam estas peças oferendas?

Perguntamos nós: quais seriam as razões e os motivos que levariam os nossos antepassados a gravar podomorfos?

Segundo alguns autores a representação de pés gravados descalços, calçados, com sola, sem sola, pequenos ou grandes, poderão nalguns casos estar associados a locais de culto, existindo vários exemplos por toda a Península Ibérica.

A existência de podomorfos descalços estão também representados nas bacias hidrográficas dos Rios Ceira e Alva em Góis “Mestras II” - com o n.º 3 do inventário CIARV (Centro de Interpretação de Arte Rupestre de Vide) (Fig. 5) e na Serra da Cebola, sítio n.º 37 (do inventário do CIARV) e na área de Gondufo/Valera, sítio n.º 438 (do

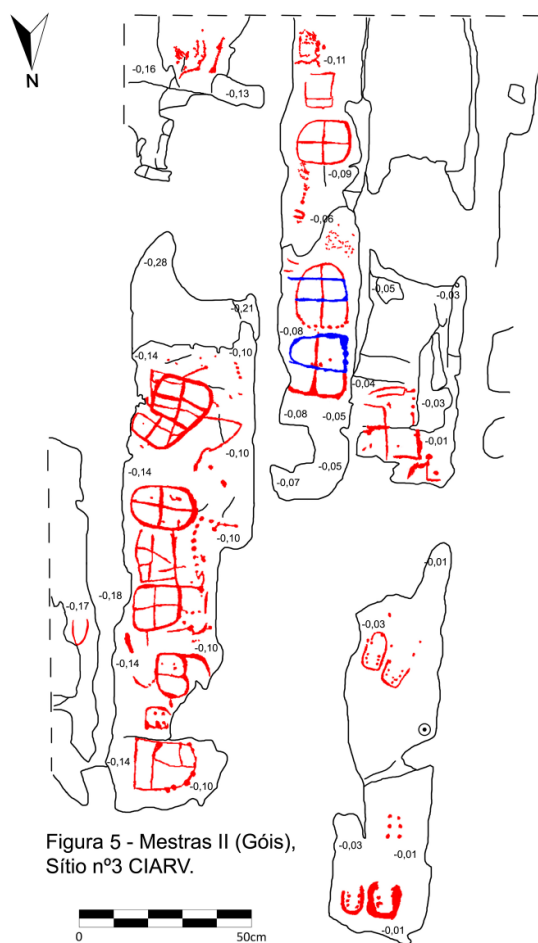


Figura 5 - Mestras II (Góis),  
Sítio nº3 CIARV.

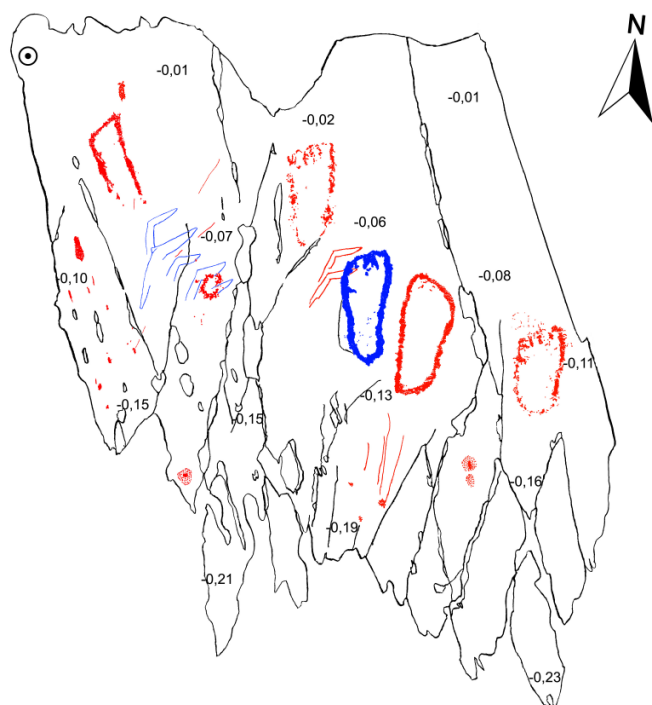


Figura 6 - Sítio nº 438 CIARV  
Área Gondufo / Valera  
(Vide)

inventário CIARV) próximo da junção da Serra do Açor com a Serra da Cebola e das Pedras Lavradas (Fig. 6).

No interior da Península os podomorfos também aparecem associados a bancos ou a cadeiras rituais em “La Peña de Santa Maria” (Iruelos de Mesón Nuevo) (BENITO DEL REY *et al*, 2003: 22-23). Este tipo de estruturas do tipo “cadeiras” ou “bancos”, aparecem ora

sozinhas, ou por vezes em triplicado, por exemplo no centro de Portugal em Tomar (Junceira), caso do sítio das “Cadeiras dos Mouros”, no Povoado da Paixinha onde aparece um podomorfo calçado sem sola (Fig. 7, Fig. 8 e Fig. 9 ), associado a uma das três cadeiras ou “tronos” (RIBEIRO, N.M.C. 1997: 215-253).

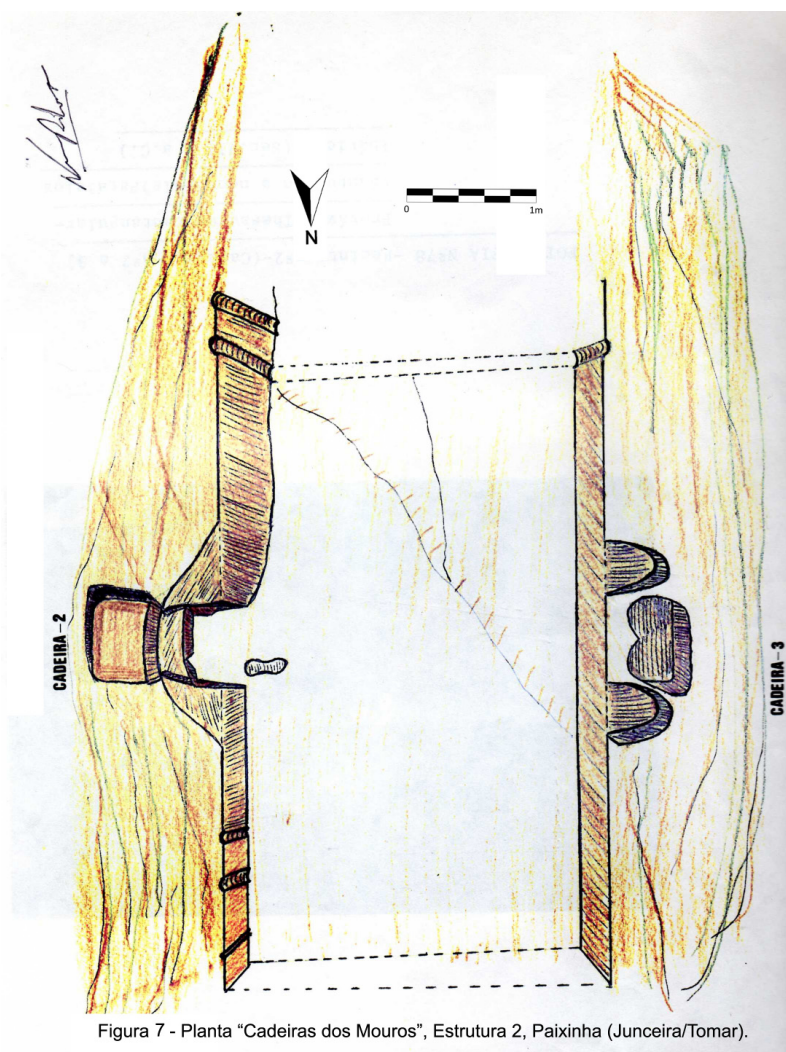


Figura 7 - Planta “Cadeiras dos Mouros”, Estrutura 2, Paixinha (Junceira/Tomar).



Figura 8 - Fotografia da Cadeira 2, Estrutura 2, Junceira, Paixinha, Tomar.



Figura 9 - Fotografia da Cadeira 3, Estrutura 2, Paixinha (Junceira/Tomar)



Na área estudada do Rio Alva, também existe uma estrutura do tipo “cadeira” aparecendo associada a um podomorfo no interior da Igreja de S. Pedro Lourosa, gravura hoje imperceptível.

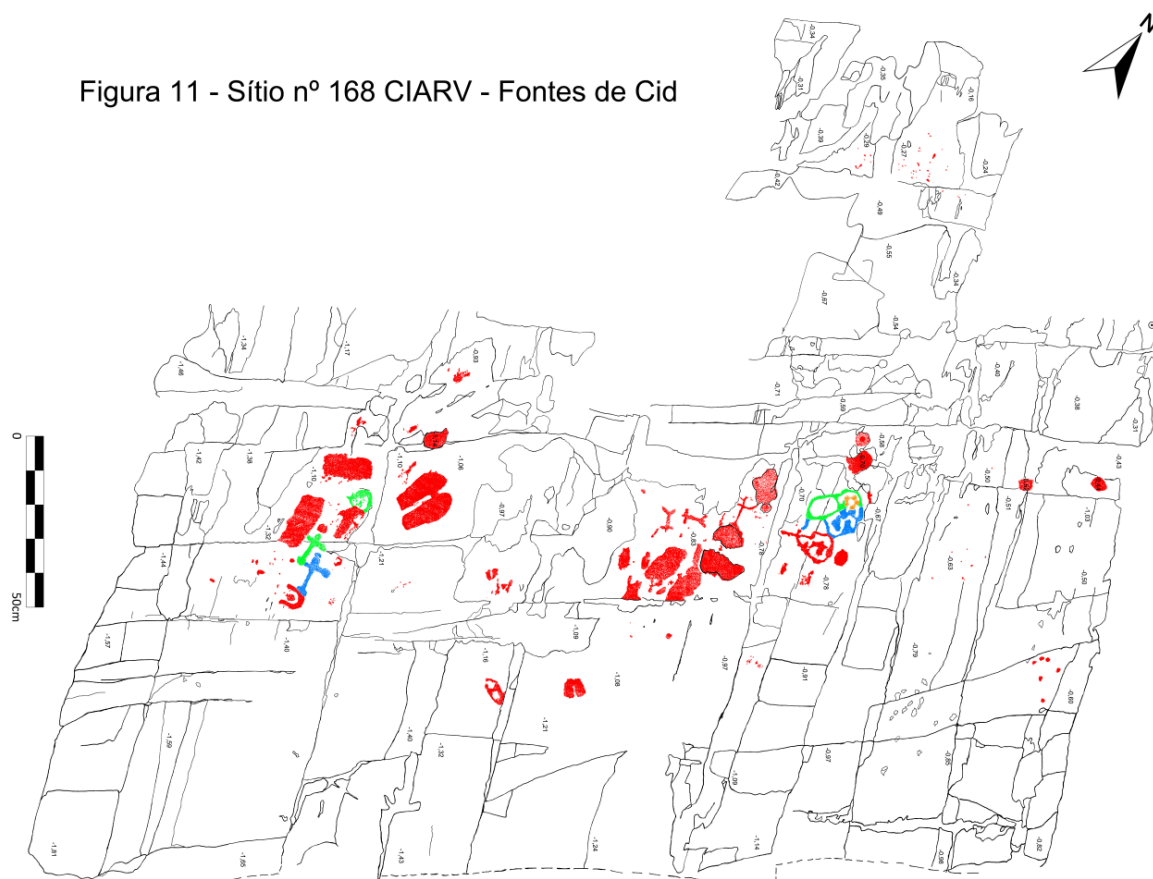
Ainda no que diz respeito ao tamanho dos podomorfos, saliente-se a existência nalgumas lajes de pequenos podomorfos, que pelo seu tamanho convida os autores a proporem a representação de podomorfos de neonatos, com poucos centímetros de comprimento, aparecendo quase sempre aos pares, um esquerdo e um direito; formando um par, casos dos sítios na

área de Vide (inventário CIARV): n.º 209, “Rasa dos Mouros” (Teixeira-Seia) (Fig. 10) e sítio 168 “Fontes de Cide XIV”, (Vide-Seia) (Fig. 11), e que fazem supor uma preocupação em representar provavelmente os membros mais pequenos da comunidade ou da família, dado que nestes locais existem também representações de podomorfos adultos. Esta preocupação em marcar um determinado local, poderá ser a prova da sacralização dos próprios espaços, quer pela continuidade da espécie, representando igualmente a renovação e por isso ligado à fertilidade.





Figura 11 - Sítio nº 168 CIARV - Fontes de Cid



Ainda no que diz respeito a esta possível ligação dos podomorfos à religião e a antigos cultos, é de referir as tradições que persistem na região dos Rios Ceira e Alva, até ao século XX e que foram recolhidas durante a recolha antropológica e etnográfica que se realizou na região, nomeadamente em dois locais, sítio da “Eira do Piódão” (Piódão-Arganil) (inventário CIARV): n.º313 (Fig.12) e na Serra do Colcorinho na Serra do Açor. No caso do sítio da “Eira do Piódão”, em Arganil trata-se de um sítio de arte rupestre com gravuras na sua maioria de época histórica, apesar de existirem algumas covinhas. O local, uma antiga eira de cereais construída parcialmente em cima de uma diáclase de xisto típico da zona, e outra parte construída com o auxílio de pequenas lajes planas de xisto, que se encontram gravadas, sobretudo com podomorfos, serpentiformes e covinhas. A importância do local é acrescido por se tratar de um espaço que foi usado até ao século XX. Tratando-se de um espaço onde a comunidade desenvolvia actividades relacionadas com a agricultura e onde também se desenvolviam actividades ligadas às tradições locais ancestrais, nomeadamente “festas” de propiciação à fertilidade e de agradecimento. Registadas na cultura oral, ou seja provavelmente memórias ancestrais ligadas

à fertilidade e a cultos agrários. Só esse facto poderá explicar a existência de uma tradição de gravação nas rochas durante milhares de anos até ao presente. Caso de inúmeras representações de podomorfos recentes calçados com “brochas”, pequenos pregos que eram usados nos sapatos de madeira para melhor aderirem ao piso.

O sítio da “Eira do Piódão” é caracterizado pela existência de:

- Gravuras antigas e gravuras recentes, caracterizadas pela existência de diferentes oxidações.
- Nas gravuras tidas como antigas, temos alguns podomorfos e algumas covinhas realizadas por abrasão.
- Não é possível determinar a cronologia mais antiga das gravuras existentes. A Eira do Piódão encontra-se virada para SE, tal como a maioria dos podomorfos, padrão frequente nas lajes gravadas da região dos Rios Ceira e Alva. Marca portanto uma possível relação solsticial (Verão) e lunar (plenilúnio – Lua Cheia). (RIBEIRO, N.M.C., PEREIRA, A.S., PIMENTA, F., JOAQUINHO, A., VENTURA, R., (2010, 50-51).

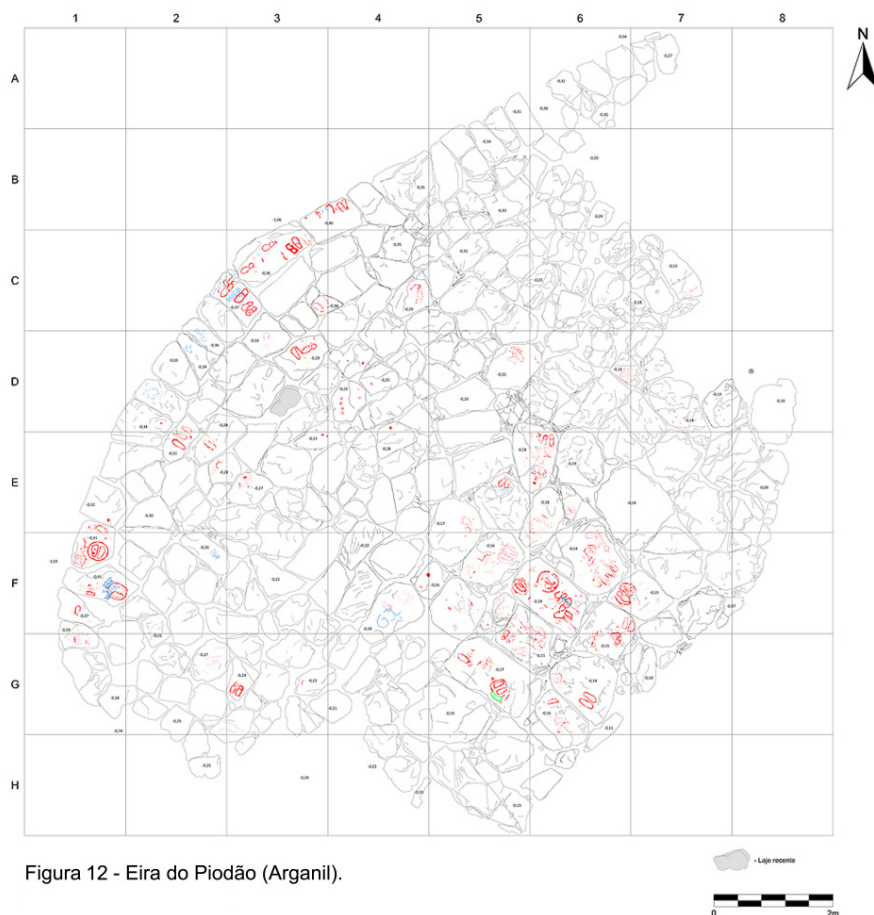


Figura 12 - Eira do Piodão (Arganil).

No Monte do Colcorinho situado na Serra do Açor (Arganil/Oliveira do Hospital) persistiu uma tradição muito peculiar até meados do século XX, que acreditamos ser um vestígio de uma antiga tradição pagã, e que estará relacionada com o fenómeno podomórfico local. A tradição consistia numa peregrinação ao monte com esta designação, que se realizava uma semana antes, ou uma semana depois do Solstício de Verão em Junho, por altura da Lua cheia. Os rapazes e raparigas solteiras de várias aldeias vizinhas de Vide (Seia) reuniam-se e faziam uma caminhada nocturna para ver o Sol nascer no horizonte a partir do Monte do Colcorinho. Segundo a tradição os peregrinos, nomeadamente as raparigas “casadoiras” bebiam a água da “Fonte da Estrela de Alva” em Vide e faziam uma promessa à Senhora do Colcorinho. E em agradecimento pelo pedido concedido, voltavam ao Monte do Colcorinho a pé e gravavam podomorfos e inscrições ao longo do caminho. A este propósito ver tradição recolhida:

*“A propósito das palavras da Tia Natividade, recordo, que nesse passado já distante, ranchos de rapazes e de raparigas bebiam água casadoira, na bica dos*

*amores, na noite de S. João, antes de partirem para a Capela do Colcurinho, para lá no alto, verem nascer o Sol. Subiam a pé, por um caminho ou carreiro, entre o mato, cantando e por vezes dançando junto aos poisos. Caminho ainda hoje marcado pelos pés de muitos peregrinos, abençoados pela fonte das quatro bicas. Eu, também, do mesmo povo de Vide, pisei esse caminho para o Colcurinho,...*<sup>3</sup>

Nas áreas estudadas documentou-se uma possível existência de relações dos sítios da arte rupestre com marcos astronómicos, nomeadamente o Sol e a Lua, a montanha e a água, nomeadamente o domínio visual sobre estes.

A representação podomórfica pode assim provavelmente ter vários significados, dependendo da época em que foram gravados e o contexto em que se inserem. Existe desta forma um aparente conjunto de motivos e de razões para que o homem grave nas pedras uma parte do seu corpo, imortalizando um determinado momento e um pouco de si.

## BIBLIOGRAFIA:

- BEBENITO DEL REY, L. & GRANDE DEL BRIO, R., (2000): "Santuários Rupestres Prehistóricos En El Centro-Oeste de España". P. 125. Gráficas Cervantes, S.A. Salamanca-Espanha.
- PIMENTA, F., TIRAPICOS, L., & RIBEIRO, N.M.C., (2005): "Lunar and Solar connections at a rock art site in central Portugal", P. 264. Proceedings of the SEAC (Isili, Sardinia/ITALY, 28 de June-3 July).
- NOBRE, C. G. A.(2006): "Vide Memorial – Camélias Brancas". Volume I Impressão Ediliber, Lda. Novembro de 2006. P. 148-149. Depósito Legal: 251711/06.
- RIBEIRO, N. M. DA C. (1997a) "Os Santuários Proto-Históricos da Paixinha". In Boletim Hedera – Revista do Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. CEPRT. Julho de 1997. Tomar.
- RIBEIRO, N. M. DA C. "O Povoado da Paixinha (1997b) – Estudos Preliminares". In Boletim Cultural 21. Câmara Municipal de Tomar. Outubro de 1997. Montagem e Impressão: A Gráfica de Tomar. Depósito Legal n.º 446/82. Pág.215 a 254. 1997 Tomar.
- RIBEIRO, N. M. DA C., HUTTU, J. (1998)."Corredor dos Mouros – Investigation Report". In Techne 3 Arqueojovem. ISSN N.º 0872-6817. Depósito legal: 93741/95. Tomar 1998, página 99-111.
- RIBEIRO, N. M. DA C., (2006): "Open air Rock in the Ceira and Alva River Valleys – Some Symbols, Proceedings of the XV World Congress – Session WS34 – (Lisbon/PORTUGAL, 4-9 September 2006). P.: 43-49. v. 25 BAR Internacional Series 1793.
- PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A. & TIRAPICOS, L., (2009): The Sky and the Landscape of Rock Art in The Ceira and Alva Basins. Cosmology Across Cultures. P. 359-363. Granada/SPAIN. ASP Conference Series, Vol. 409, © 2009 J.A. Rubiño-Martín, J.A. Belmonte, F. Prada and A. Alberdi, eds. Pág. 359-363.
- RIBEIRO, Nuno, JOAQUINITO, Anabela, PEREIRA, António Sérgio (2009a): "The Rock Art Interpretation Centre in Vide (Portugal) From Project to Reality and its Challenges". IFRAO Congress 2009 – Piauí / BRAZIL. P.1125-1135.
- RIBEIRO, Nuno, JOAQUINITO, Anabela, PEREIRA, (2009b): António Sérgio "Zoomorphic Art in The Open Air Rock Art Complex of The Ceira And Alva Rivers Basins and Adjacente Unhais River Basin – Portugal". IFRAO Congress 2009 – Piauí / BRAZIL P. 804-816.
- RIBEIRO, Nuno, PEREIRA, António, S. PIMENTA, Fernando, JOAQUINITO, Anabela, VENTURA, Ricardo (2010): "O Sítio de Arte Rupestre da Eira do Piódão: Um caso de Estudo (Arganil-Portugal)" I CIAEE – Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-história. 11 a 14 de Maio de 2010 Dourados, Mato Grosso do Sul – Brasil. Caderno de Resumos. Universidade Federal da Grande Dourados. Página 50-51.
- RIBEIRO, Nuno, PEREIRA, António, S., JOAQUINITO, Anabela, (2010): "As Rotas Naturais no Centro Interior de Portugal, da Pré-história ao Século XX" I CIAEE – Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-História. 11 a 14 de Maio de 2010 Dourados, Mato Grosso do Sul – Brasil. Caderno de Resumos, Secção de Antropologia em Aplicação. Página 75. Universidade Federal da Grande Dourados.
- RIBEIRO, Nuno, JOAQUINITO, Anabela, PEREIRA, Sérgio (2010): "The Symbolism of Open-Air Rock Art at the end of the Upper Palaeolithic in Central Interior Portugal and its Possible Relation With Natural Paths". IFRAO Congress, September 2010 France – Symposium: Signs, symbols, myth, ideology. P. 1-13.
- RIBEIRO, Nuno, JOAQUINITO, Anabela, PEREIRA, Sérgio (2010b): "La symbolique de l'art rupestre à la fin du Paléolithique supérieur, dans le centre intérieur du Portugal et sa possible relation avec les routes naturelles". L'art pléistocène dans le Monde. Congrès de l'IFRAO, Septembre 2010 – Symposium: Signes, symboles, mythes et idéologie (Pré-Actes).P.1-13.
- PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A. & TIRAPICOS, L. (2011): "Orientation In The Landscape of open air rock art in the mountains between Alva and Ceira Rivers, the podomorphs carvings" P.1-5. Michael A. Rappenglück, Barbara Rappenglück, Nick Campion (Eds.): Astronomy and Power. SEAC 2010, Gilching, Germany. BAR 2011.

## NOTAS:

- 1 - Departamento de Arqueoastronomia da APIA dirigido através dos cientistas Eng. Fernando Pimenta e Astrónomo Luís Tirapicos.
- 2 - Colaboração com Universidade Adelaide – Austrália – Professor Doutor Andrew Smith.
- 3 - In NOBRE, C. G. A.(2006: 148-149), Vide Memorial – Camélias Brancas. Volume I Impressão Ediliber, Lda. Novembro de 2006. Depósito Legal: 251711/06.